

## SOBRE A CRÍTICA DA LINGUAGEM NA FILOSOFIA DE BENEDICTUS DE SPINOZA

Carlos Wagner Benevides Gomes **RESUMO**

Benedictus de Spinoza (1632-1677), filósofo holandês, utilizou o método dedutivo *ordine geometrico*, em sua *Ética*, que reflete o modelo geométrico dos *Elementos* de Euclides (utilizando definições, axiomas, proposições, etc.). Spinoza fundamentou sua filosofia numa ontologia (com as noções de *Substância*, de *Atributo* e de *Modo*). Sobre a questão da linguagem, mesmo que não esteja sistematizada na filosofia spinozana, há problemas linguísticos, por exemplo, acerca dos nomes, das palavras e da imaginação em obras como a *Ética* e o *Tratado da Correção do Intelecto*. Estes problemas estão também relacionados à teoria do conhecimento, nas noções de gêneros de Conhecimento (Imaginativo, Racional e Intuitivo) e nos conceitos de Ideia adequada e de Ideia inadequada. Este artigo tem o objetivo de expor o problema da crítica da linguagem na filosofia de Spinoza. Para tanto, a partir de uma leitura minuciosa, utilizaremos como principais referenciais a *Ética*, o *Tratado da Correção do Intelecto* entre outros escritos do pensador. Com isso, concluiremos que Spinoza mostrou o conflito entre a Imagem e o Pensamento (racional e intuitivo) sendo a linguagem (imaginativa) um conhecimento falso e confuso para um pensar seguro.

Palavras-chave: Spinoza. *Ética*. Pensamento. Crítica. Linguagem.

### RÉSUMÉ

Benedictus de Spinoza (1632-1677), philosophe hollandais, a utilisé la méthode déductive *ordine geometrico*, dans sa *L'Éthique*, ce qui reflète le modèle géométrique des *Éléments* d'Euclides (en utilisant des définitions, axiomes, propositions, etc.). Spinoza fonde sa philosophie sur l'ontologie (avec des notions de substance, d'attribut et de mode). Sur la question de la langue, même si elle n'a pas été systématisée dans la philosophie spinoziste, il y a des problèmes de langage, par exemple, au sujet des noms, des mots et de l'imagination dans des œuvres telles que l'*Éthique* et le *Traité de la Réforme de l'entendement*. Ces problèmes sont également liés à la théorie de la connaissance, les notions de genres de connaissance (Imaginatif, rationnelle et intuitive) et les concepts d'idée adéquate et Idée inadéquate. Cet article vise à exposer le problème de la critique du langage dans la philosophie de Spinoza. Par conséquent, à partir d'une lecture attentive, nous allons utiliser comme référence principale l'*Éthique*, le *Traité de la Réforme de l'entendement* et d'autres écrits du penseur. Ainsi, nous concluons que Spinoza a montré le conflit entre l'imagination et la pensée (rationnelle et intuitive) et la langue (imaginative) comme connaissance fautive et confuse pour une pensée sécurisée.

Mots-Clefs: Spinoza. *Éthique*. Pensée. Critique. Langage.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar a problemática da linguagem na filosofia de Benedictus de Spinoza numa perspectiva crítica deste. Uma das principais e relevantes questões suscitadas e discutidas foram a Imaginação, o Pensamento e a Linguagem que dizem respeito tanto a Ontologia como a Teoria do Conhecimento do filósofo holandês. Tomamos como principais referenciais teóricos as seguintes obras spinozanas: a *Ética*, precisamente, a Parte II (*A Natureza e a Origem da Mente*) cujas ideias estão correlatas ao *Tratado da Correção do Intelecto*, ao *Breve Tratado* e aos *Princípios da Filosofia Cartesiana e Pensamentos Metafísicos*. Além disso, utilizamos a leitura complementar de comentadores como Marilena Chauí em *Espinoza: Uma Filosofia da Liberdade* (1995) e *Da Realidade sem Mistérios ao Mistério do Mundo* (1981) numa análise histórico-filosófica dos principais pontos teóricos de Spinoza inferidos à questão da linguagem. Também utilizamos os seguintes artigos pertinentes a esta pesquisa: *Introdução ao problema da linguagem na filosofia de Spinoza* (2010), de Gabriel Dirma de Araújo Leitão e *Espinoza e a Linguagem* (2011), de Olga Pombo entre outros textos.

Para uma exposição sistemática e objetiva, dividimos este artigo em quatro tópicos. No primeiro [*O sistema ontológico da Ética*], explicitamos de forma geral os principais elementos conceituais e estruturais metodológicos da obra principal de Spinoza, a *Ética*, além de demonstrar a teoria ontológica da Substância, dos Atributos e dos Modos como ponto de partida para esta pesquisa. No segundo [*A Ideia Verdadeira e a questão do método*], expomos o viés epistemológico que parte da ontologia spinozana, tratando assim, de questões como a Ideia adequada ou verdadeira, a Ideia inadequada ou falsa e o método presentes tanto na *Ética* como no *Tratado da Correção do Intelecto*.

Dando continuidade a Teoria do Conhecimento de Spinoza, o terceiro tópico [*Dos Gêneros de Conhecimento*], aborda a questão da Imaginação, do pensamento racional e intuitivo onde se explicita o problema da linguagem como um Modo de imaginar e como um conhecimento de primeiro gênero em conflito com outros gêneros relacionados ao Modo de Pensar. Por fim, no último tópico [*A Crítica spinozana acerca da Linguagem*], apresentamos o problema principal desta pesquisa, ou seja, a tentativa de inserir Spinoza como um filósofo que discute, mesmo que não de forma sistemática, a questão da linguagem numa perspectiva crítica a partir de exemplos específicos dados nas suas obras.

## 2 O SISTEMA ONTOLÓGICO DA ÉTICA

A *Ética*, seguida do subtítulo *demonstrada segundo a ordem geométrica*, é a obra principal de Spinoza que foi publicada postumamente em 1677. Foi escrita em latim e em ordem geométrica (*ordine geometrico*) segundo os *Elementos de Geometria* de Euclides. Spinoza a escreve de forma euclidiana, com definições, axiomas, proposições, demonstrações, escólios, corolários, etc. A *Ética* foi dividida em cinco partes dos quais tratam os seguintes temas: Deus, o Corpo e a Mente, os Afetos, a Servidão e a Liberdade Humana. A filosofia característica da obra é evidente por si mesma. Organizada e estruturada com todo um raciocínio lógico, a *Ética* mostra-se preocupada com a demonstração clara e distinta de cada proposição enunciada. É interessante notar que no texto da *Ética*, há sempre a retomada de referências de outras proposições ou outros conceitos já mencionados antes pelo autor, evitando, assim, o máximo a contradição.

O método científico, por assim dizer, na *Ética* de Spinoza, é o da dedução, uma vez que ele parte de conceitos universais como Deus (Parte I) e conclui com uma questão de filosofia prática, ou seja, a Liberdade Humana (Parte V). Segundo a Definição 6 da Parte I da *Ética*: “Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita.” (SPINOZA, 2010, p.13). Trata-se de uma ética que, diferente de uma regra moral (como a normatividade de um dever-ser) imposta à vida, reflete as potências de agir e de pensar do homem, mostrando a este os caminhos à beatitude e à liberdade. Ou seja, é uma filosofia prática voltada para a reflexão do agir e de suas potencialidades, pois, a questão que Spinoza coloca é o que podemos e até onde podemos, diferentemente, da questão do que devemos fazer. A ética spinozana, por conseguinte, tem como principais fundamentos o conhecimento da causa (Deus), as ações como causas adequadas e os bons encontros (que aumentam a potência de agir), por exemplo, que garantem ao homem o fim de sua servidão e de sua superstição, ou seja, sua liberdade.

A *Ética* tem como principal “tríade” ontológica, a Substância, os Atributos e os Modos. A Substância seria Deus, enquanto é causa de si e imanente ao todo. Os Atributos são aquilo de essencial que o intelecto percebe da Substância, e os Modos, por sua vez, são as expressões finitas da Substância. Spinoza apresenta os conceitos de Substância, de Atributo e de Modo nas definições 3, 4 e 5 da Parte I da *Ética*. Na definição 3 temos o seguinte: “Por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito

de outra coisa da qual deva ser formado.” (SPINOZA, 2010, p.13). Na definição 4, os Atributos aparecem como expressões substanciais infinitas e aquilo que o intelecto percebe como essência da Substância.

Por fim, na definição 5, temos os modos, enquanto as afecções substanciais e aquilo que existe em outra coisa. Os homens, por exemplo, são dois modos finitos (o corpo e a mente ou alma, segundo alguns tradutores) da Substância e que fazem parte de dois atributos substanciais, quais sejam, o Pensamento e a Extensão. Este problema ontológico desemboca numa questão epistemológica como a relação entre a mente e o corpo enquanto a ideia e seu objeto, pois, o “objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato e nenhuma outra coisa” (SPINOZA, 2010, p.97). Trata-se da chamada doutrina do paralelismo ou a união psicofísica, na proposição 13 da Parte II (*A natureza e origem da Mente*) da Ética, segundo a qual não há superioridade entre o corpo e a mente, mas uma simultaneidade em suas ações e paixões.

Nesta mesma parte da Ética, Spinoza trata de um conceito como o de Ideia que será fundamental para explicar e tentar inferir um problema filosófico da linguagem tal como saber em que consistem as imagens e as palavras ante as ideias. Além disso, Spinoza trata na Ética, a epistemologia da Ideia adequada (*idea adaequata*), da Ideia inadequada (*idea inadaequata*) e dos gêneros de conhecimento (*generis cognitione*) onde questionaremos em que nível ou grau de conhecimento se enquadraria a linguagem como um modo de imaginar. Segundo Marilena Chauí (1981, p.21), “No estudo da linguagem veremos as diferentes modalidades de relação entre imaginação e intelecto que aparecem segundo a natureza do problema discutido.” E é através deste problema envolvendo a relação entre a imaginação e o intelecto que nortearmos o problema da linguagem na filosofia de Spinoza.

Depois de uma breve exposição do sistema ontológico de Spinoza, discutiremos, no tópico que se segue, o problema epistemológico que consistirá numa análise sobre os conceitos de Ideia adequada e Ideia inadequada e o método filosófico. Estes conceitos serão necessários para entendermos, por exemplo, o problema da linguagem relacionado a uma ideia inadequada.

### 3 A IDEIA VERDADEIRA E A QUESTÃO DO MÉTODO

No início da Parte II da Ética, em *Definições*, Spinoza tratou acerca do problema da ideia (*idea*). Assim, segundo a Definição 3:

[...] Por ideia compreendo um conceito da Mente, que a mente forma porque é uma coisa pensante. *Explicação*. Digo conceito e não percepção,

porque a palavra percepção parece indicar que a mente é passiva relativamente ao objeto, enquanto conceito parece exprimir uma ação da mente. (SPINOZA, 2010, p.79).

Logo após, o filósofo holandês explica outro conceito que será importante para entender sua teoria do conhecimento e seu método filosófico em busca da verdade, a Ideia Adequada: “Por ideia adequada compreendo uma ideia que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira”(ibid). Segundo Spinoza, todas as ideias estão referidas a Deus, pois são verdadeiras e estão em perfeita concordância com seus ideados. Segundo a demonstração da Proposição 43 da Parte II da Ética: “Em nós, uma ideia verdadeira é aquela que é adequada em Deus enquanto Deus é explicado pela natureza da mente”. (SPINOZA, 2010, p.137). Além disso, como é apresentado no escólio desta mesma proposição, “[...] ter uma ideia verdadeira significa senão conhecer uma coisa perfeitamente, ou seja, muitíssimo bem;”(ibid). E conseqüentemente, levando ao questionamento de Spinoza: “[...] o que pode existir de mais claro e certo do que uma ideia verdadeira e que possa servir como norma de verdade?”(ibid). Mas, como bem ressaltou Teixeira (2001, p.41), “Parece uma sorte de petição de princípio afirmar que ‘temos uma idéia verdadeira’, visto que é a idéia verdadeira que procuramos e um paradoxo afirmar que a idéia verdadeira deve ser o ponto de partida do método.” Por outro lado, segundo o filósofo holandês, existe em nós, por concebermos ideias confusas e mutiladas das coisas, uma ideia inadequada (o falso). A falsidade, neste sentido, consiste na privação de conhecimento ou na parcialidade deste que as ideias inadequadas, ou seja, mutiladas e confusas envolvem.

No *Tratado da Correção do Intelecto (Tractatus de Intellectus Emendatione)*, obra inacabada, temos também a questão do conceito de ideia seguida da concepção de Ideia verdadeira (*idea vera*) segundo a qual “[...] é algo diverso do seu ideado, por que uma coisa é o círculo, outra é a ideia de círculo.” (SPINOZA, 1983, p.49). O exemplo do círculo também foi utilizado na Parte II da Ética quando Spinoza explica sua proposição 7 segundo a qual a ordem e a conexão das ideias são a mesma coisa que a ordem e a conexão das coisas, pois, uma coisa é o círculo existente na natureza, outra é a ideia deste círculo existente na natureza. Para Spinoza, esta ideia verdadeira deve existir antes de tudo em nós, como instrumento inato, portanto, ela se apresenta, objetivamente, do mesmo modo que se apresenta realmente seu ideado. Segundo Spinoza, a essência objetiva de uma coisa é a ideia dessa coisa enquanto a sua essência formal é aquela que visa à coisa em sua realidade material ou sua forma. Por conseguinte, “[...] esta-

belecendo assim uma simetria perfeita entre uma coisa e sua essência: a essência sendo essência da coisa, e a coisa, essência da essência.” (RAMOND, 2010, p.36). A ideia verdadeira, por sua vez, deve existir antes de tudo em nós, como instrumento inato, portanto, ela se apresenta objetivamente do mesmo modo que se apresenta realmente seu ideado. É uma ideia que basta a si mesma, pois, não tem necessidade da confirmação pela concordância com um objeto exterior. Assim, a mente deve se dirigir segundo a norma de uma existente ideia verdadeira. Mas, segundo Teixeira (2001), não basta que as ideias sejam claras e distintas, é necessário que façam parte da infinita cadeia de Deus.

No *Tratado da Correção do Intelecto*, Spinoza elabora um método no qual propõe uma correção intelectual, projeto que parece semelhante à dúvida metódica de Descartes quando se pretende desprezar todas as opiniões tomadas como sólidas a partir dos sentidos. Spinoza discute a questão da correção do intelecto (*intellectus emendatione*) que seria capaz de oferecer ao homem recursos para chegar à liberdade e ao bem verdadeiro. “Antes de tudo, porém, deve excogitar-se o modo de curar o intelecto e purificá-lo quanto possível desde o começo, a fim de que entenda tudo felizmente sem erro e da melhor maneira.” (SPINOZA, 1983, p.45). Segundo Chauí (1995), esta correção se dá pelo caminho reflexivo onde há a reflexão do intelecto sobre si mesmo como capacidade inata de conhecimento verdadeiro. É a partir desta reflexão sobre o caminho reto no qual nos esforçamos para alcançar um conhecimento nos ditames da razão é que Spinoza propõe um método.

Para Spinoza, o conhecimento verdadeiro se dá na reflexão e consiste em conhecer as coisas por suas causas primeiras (próprios dos conhecimentos de segundo e do terceiro gêneros). Como objetivos deste método temos “[...] pela primeira parte [...], que é como dissemos, distinguir e separar das outras percepções a ideia verdadeira e coibir a mente para que não confunda com as verdadeiras e falsas, as fictícias e as duvidosas.” (SPINOZA, 1983, p. 53). A verdade é revelada a si mesmo na qual todas as coisas lhe advêm, pois, a verdade é norma e índice de si mesma (*Index Sui*). A certeza da verdade é, para Spinoza, dependente de uma ideia verdadeira, assim, não há necessidade que para que saibamos tenhamos que saber que sabemos. Não existirá um método como conhecimento reflexivo se antes não houver uma ideia da ideia que seja clara e distinta. Spinoza, precisamente, classifica os tipos de ideias das quais o intelecto é, negativamente, passivo devendo evitá-las. Temos então: 1) a ideia fictícia como aquela que é impossível, de natureza contraditória e que se relaciona ao fingir. 2) a ideia falsa: se a existência da coisa não for uma verdade eterna como é sua essência e mostrar impossibilidades de existir. Por fim, a “[...] ideia

que não é tão clara e distinta que possamos dela concluir algo de certo acerca do que se duvida.” (SPINOZA, 1983, p.61). Ou seja, 3) a ideia duvidosa como aquela gerada pela desordem das coisas investigadas.

Por sua vez, a imaginação é um conhecimento de primeiro gênero como logo veremos que, diferente da inteligência, é um efeito da ação de causas externas sobre nós e não nos oferece a própria coisa tal como é em si mesma. Segundo Chauí (1981, p.35), “A Imaginação possui suas leis necessárias de operação e a linguagem, enquanto produto da imaginação, não é um amontoado de contingências, mas um conjunto de acontecimentos inteligíveis.” Segue-se que, a imaginação consiste em apreender a natureza partindo de qualidades que atribuem o homem. Ela é, pois, falsa quando tomamos como parte do intelecto. Assim é a memória, como sensação das impressões do cérebro junto com o pensamento de uma determinada duração.

Spinoza, portanto, fundamentou seu método filosófico a partir da concepção de uma ideia verdadeira, ou seja, uma ideia que entende as coisas de forma racional, clara e distinta. No tópico seguinte, veremos sobre o conhecimento em Spinoza que será fundamental para compreendermos os tipos de conhecimentos e suas relações com as ideias expostas acima.

#### 4 DOS GÊNEROS DE CONHECIMENTO

Outra questão importante na Ética que sucede a ideia adequada (*idea adaequata*) é a problemática do Conhecimento. Para Spinoza, definir o conhecimento é defini-lo pelos seus gêneros ou os modos de percepção (*modi percipiendi*), conceitos presentes também no *Tratado da Correção do Intelecto* (1661) e no *Breve Tratado* (1650-1660). Spinoza descreve, na Proposição 40 da Parte II da Ética, o processo como se dá os Gêneros de Conhecimento a partir do momento em que nós percebemos muitas coisas e formamos noções universais:

1. A partir de coisas singulares que os sentidos representam mutilada, confusamente, e sem a ordem própria do intelecto. Por isso, passei a chamar essas percepções de conhecimento originado da experiência errática.
2. A partir de signos, por exemplo, por ter ouvido ou lido certas palavras, nós nos recordamos das coisas e delas formamos ideias semelhantes àquelas por meio das quais imaginamos as coisas. [Conhecimento de primeiro gênero: opinião ou imaginação].
3. Por termos, finalmente, noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas [Conhecimento de segundo gênero: Razão]. (SPINOZA, 2010, pp.133-135).

Por fim, temos, segundo Spinoza, um conhecimento de terceiro gênero: a Intuição (*scientia intuitiva*) que

é “[...] parte da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para chegar ao conhecimento adequado da essência das coisas” (SPINOZA, 2010, p.135). Por conseguinte, podemos definir os principais aspectos dos gêneros de conhecimento da seguinte forma: 1) Através da Imaginação (*imaginatio*) como um conjunto de ideias inadequadas (passivas); imagens confusas e obscuras da nossa experiência sensível. 2) Pela Razão (*ratio*) enquanto noções comuns sobre leis necessárias entre um todo e suas partes; é também a consciência das relações de causas e efeitos. E por fim, 3) a Intuição (*intuitione*) que é a ideia adequada (ativa) das coisas que conhecendo sua natureza íntima pelas suas causas e efeitos necessários, ou seja, é a certeza intelectual que nos faz saber que sabemos. Spinoza (2010, pp.131-135) conclui, nas Proposições 40 e 42, que o conhecimento de primeiro gênero (imaginativo) é a única causa de falsidade enquanto o de segundo e o de terceiro (racional e intuitivo) são verdadeiros. E, por conseguinte, o conhecimento de segundo e de terceiro gênero nos ensinam a distinguir o verdadeiro do falso.

A partir da exposição acima sobre os gêneros de conhecimento em Spinoza, veremos no próximo tópico, em qual gênero de conhecimento se enquadraria a linguagem, pois relacionada às ideias inadequadas também teria relação com o primeiro gênero de conhecimento ou a imaginação. Neste sentido, será discutida a crítica spinozana como uma prova de que a linguagem não é um conhecimento seguro.

## 5 A ANÁLISE CRÍTICA DA LINGUAGEM

Como foi dito acima, Spinoza não dedicou nenhum tratado filosófico voltado para uma questão sistemática sobre a linguagem, mas também não há uma ausência de problemas voltados para uma crítica à linguagem. Spinoza, a partir do *Tratado Teológico-Político* (*Tractatus Theologicus Politicus*) ficou considerado um dos primeiros exegetas modernos da Bíblia a partir da criação de um *método histórico-crítico* (como veremos adiante com mais detalhes) capaz de interpretar as Escrituras de forma filológica e histórico-filosófica. No *Tratado da Correção do Intelecto*, no *Breve Tratado e*, sobretudo, na *Ética*, existe uma preocupação epistemológica comum sobre os conceitos de imagens, de nomes e de palavras. Pelo menos na Parte II da *Ética*, o problema da linguagem começa a ser percebido através de alguns exemplos da experiência que o filósofo nos fornece:

[...] Compreendemos, assim, claramente, por que a mente passa imediatamente de um pensamento de uma coisa para o pensamento de uma outra que não tem com a primeira qualquer semelhança. Por exemplo, um romano passará imediatamente do pensamento da palavra *pomum* [maçã] para o

pensamento de uma fruta, a qual não tem qualquer semelhança com o som articulado, nem qualquer coisa de comum com ele a não ser que o corpo desse homem foi, muitas vezes, afetado por essas duas coisas, isto é, esse homem ouviu, muitas vezes, a palavra *pomum*, ao mesmo tempo que via essa fruta. (SPINOZA, 2010, p.113).

A questão da palavra *pomum*, para Spinoza, se origina com a experiência errática, do ouvir dizer (*ex auditu*) e do ler as palavras, e não passa de uma *vox* ou *flatus vocis* onde os homens atribuem convencionalmente. Segundo Chauí (1981, p.33), “Como numa flauta, diz Espinosa, as vogais são o som da música enquanto as letras são os orifícios tocados pelos dedos”. Isto por que em nós há uma concatenação de ideias fazendo com que associemos as palavras a outros pensamentos como *pomum* com a ideia de fruta e de maçã. Assim também, por exemplo, quando vemos as pegadas ou rastros de um cavalo, pensaremos logo num cavaleiro; um agricultor uma fazenda.

Compreendemos, assim, claramente, o que é a memória. Não é, com efeito, senão uma certa concatenação de ideias, as quais envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano, e que se faz, na mente, segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano. (SPINOZA, 2010, p.113).

Para Spinoza, o homem tem seus afetos que podem ser uma ação ou uma paixão definidos como as afecções do corpo. Somos afetados por causas exteriores e temos ideias, muitas vezes, inadequadas, ou seja, confusas e mutiladas onde concebemos os signos, as palavras e as imagens. Assim, “[...] chamaremos de imagens das coisas as afecções do corpo humano, cujas ideias nos representam os corpos exteriores como estando presentes, embora elas não restituam as figuras das coisas.” (SPINOZA, 2010, p.111). Por conseguinte, há uma distinção entre a Ideia e a Imagem, pois, “[...] por ideias, compreendo não as imagens como as que se formam no fundo do olho, ou se preferirem, no cérebro, mas os conceitos do pensamento.” (SPINOZA, 2010, p.147). Neste sentido, Spinoza distinguiu a Ideia e a Imagem como duas formas de percepções distintas, uma racional e a outra imaginativa.

O filósofo holandês critica o conhecimento de primeiro gênero, a saber, da imaginação, da opinião, do ouvir dizer e do ler as palavras. Desta forma, podemos ver que a linguagem, para Spinoza, bem está enquadrada como um simples modo de imaginar do homem que é afetado por imagens, signos e palavras. A linguagem também está expressa nas noções comuns ou universais ditas anteriormente. O filósofo atribui o erro do conhecimento às imagens que

temos das coisas: “[...] Não é, pois, surpreendente que, dentre os filósofos que pretenderam explicar as coisas naturais exclusivamente pelas imagens dessas coisas, tenham surgido tantas controvérsias.” (SPINOZA, 2010, p.133). Há também um evidente apontamento para o problema dos nomes às coisas:

[...] a maior parte dos erros consiste em não aplicarmos corretamente os nomes às coisas. Pois quando se diz que as retas que vão do centro do círculo à sua circunferência não são iguais é, certamente, por que se está compreendendo do círculo, ao menos nesse momento, algo diferente daquilo compreendido pelos matemáticos. Igualmente, quando os homens erram ao fazer um cálculo, é por que tem na mente números que não são os que estão no papel. [...] não acharíamos que eles erram, exatamente como não julguei que estivesse errado alguém que ouvi, recentemente, gritar que o seu pátio tinha levantado vôo em direção à galinha do vizinho, pois sua mente me parecia suficientemente clara. (SPINOZA, 2010, p.145, grifos nossos).

Na Parte II, capítulo XVI (*Do uno, do verdadeiro e do Bom*) dos *Pensamentos Metafísicos (Cogitata Meta-physica)*, apêndice (1663) de uma das primeiras obras de Spinoza, os *Princípios da Filosofia Cartesiana (Principia philosophiae cartesianae)*, há uma utilização de certos vocábulos como verdadeiro e falso, a princípio, pelo vulgo que julga as coisas mais pelos nomes do que pelas coisas. Além disso, nesta obra, Spinoza utiliza o cartesianismo para refutar os filósofos medievais, por exemplo, no que se refere à diferença entre o Ente real e o Ente de Razão (os chamados *transcendentais*) ou como simples modos de imaginar, assim como os nomes. Por sua vez, na *Ética*, temos outra distinção que envolve o conceito de Ideia, que para Spinoza, é verdadeira e adequada, ou seja, quando ela concorda com o seu ideado; assim, distingue a ideia e as palavras: “[...] É preciso também fazer uma cuidadosa distinção entre as ideias e as palavras pelas quais significamos as coisas.” (SPINOZA, 2010, p.149). A ideia (modo de pensar /conceito da mente) envolve tanto uma afirmação como uma negação (ibid), portanto, ela não está contida em imagens ou palavras uma vez que, a essência das palavras e das imagens pertence aos movimentos corporais (extensão) e a essência da ideia pertence ao conceito do pensamento, a exemplo da mente:

[...] como as palavras são partes da imaginação, isto é, fingimos muitos conceitos na medida em que, vagamente, por alguma disposição do corpo, são compostos na memória, não se deve duvidar de que também as palavras, como a imaginação, podem ser a causa de muitos e grandes erros, se com elas não tivermos muita precaução. (SPINOZA, 1983, p.63).

Ao analisarmos estes exemplos, a partir da Parte II da *Ética*, podemos dizer, que a linguagem na filosofia de Spinoza, seja como signo, imagem, nome ou palavra, atrapalharia para a via segura do pensamento seja claro e distinto, ou das causas e efeitos necessários das coisas (o conhecimento intuitivo que é imediato). Assim, a linguagem estaria ao lado do erro e exterior ao intelecto pela busca do verdadeiro, pois, através do corpo, a linguagem é uma atividade imaginativa sujeita a todos os enganos e mal-entendidos pela imaginação. Esta é a razão pela qual Spinoza teria feito uma dicotomia entre o Pensamento (a Ideia) e o Imaginativo (Primeiro gênero de conhecimento). A ideia sendo verdadeira, ou seja, adequada, proporcionaria a certeza das coisas; ao contrário, aquilo que é fruto das afecções do corpo, ou seja, dos afetos e das paixões por causas exteriores (nossas percepções) nos proporcionariam a falsidade das coisas.

Ainda que Spinoza tenha contraposto o modo do pensar (a Ideia adequada ou verdadeira) e o modo de imaginar (a Ideia inadequada e a Imaginação), percebemos que a linguagem, neste contexto, mesmo que não ofereça ao intelecto um conhecimento tão claro e distinto, é indispensável e é o princípio de todo o conhecimento. A prova disso é que a linguagem é, para Spinoza, o primeiro gênero do Conhecimento humano, pois, seria uma contradição por parte do próprio filósofo desconsiderar a linguagem numa exposição ética geométrica onde é fundamental a comunicação e o uso de termos, de conceitos e de definições.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia proposta por Spinoza, nas suas várias obras aqui mencionadas, tinha um caráter ontológico e epistemológico, sobretudo, marcado pela ordem geométrica e, desta forma, não nos apresentou tratados sistemáticos acerca da linguagem. Mas, no texto da Parte II da *Ética*, no *Breve Tratado, na Correção do Intelecto*, entre outras, encontramos exemplos práticos (mas escassos em termos contemporâneos tratados pela filosofia analítica) que envolvem a questão dos nomes, das palavras e das imagens que são postas, muitas vezes, como erros do Intelecto percebidos por causas exteriores, como os afetos ou afecções do corpo, por exemplo. E desta forma, a conclusão de que, em Spinoza, a Linguagem pode ser vista como nomes, palavras, signos ou modo de imaginar do homem e que pertence há um conhecimento mais inferior (primeiro gênero de conhecimento).

Podemos dizer que há em Spinoza, certa forma, um convencionalismo acerca da linguagem, uma vez que ele considera a linguagem conforme aquilo o que é atribuído pelo pensamento e pela imaginação humana

dado a maneira como imaginamos e somos afetados corporalmente produzindo imagens, palavras e signos. Por conseguinte, linguagem se tornou negativa na filosofia spinozista pelo fato de que ela precisaria antes, ser guiada pelo entendimento (ligado às causas das coisas) e não pela imaginação (ligada aos efeitos das coisas).

Federal do Ceará (UFC). Bolsista da CAPES. Membro do grupo de estudo GT Benedictus de Spinoza (UECE).

E-mail: wagnercarlos92@gmail.com

## REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Da Realidade sem Mistérios ao Mistério do Mundo**: Espinosa, Voltaire e Merleau-Ponty. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. **Espinoza**: Uma Filosofia da Liberdade. São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção Logos).

SPINOZA, B. de. **Breve Tratado**. Tradução e Notas de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luis César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleções Filô/Espinoza).

\_\_\_\_\_. **Ética**. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução e Notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. **Princípios da Filosofia Cartesiana e Pensamentos Metafísicos**. Tradução de Homero Santiago e Luis César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleções Filô/Espinoza).

\_\_\_\_\_. **Tratado da Correção do Intelecto**. In: *Espinoza*. Tradução e notas: Carlos Lopez de Mattos. São Paulo: Abril, 1983. (Coleção Os Pensadores).

LEITÃO, G. D. de A. Introdução ao problema da linguagem na filosofia de Spinoza. In: UFRJ, **Linguagens e Diálogos**, v.1, n.1, pp. 24-41, 2010.

POMBO, O. Espinoza e a linguagem. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, pp. 16-30, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revistas.fclrp.usp.br/incid/article/view/63/pdf>>. Acesso em: 20 de jun. 2015.

RAMOND, C. **Vocabulário de Espinoza**. Tradução: Claudio Beliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TEIXEIRA, L. **A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinoza**. São Paulo : Editora UNESP, 2001.

## SOBRE O AUTOR

### Carlos Wagner Benevides Gomes

Graduado em Filosofia – Universidade Estadual do Ceará - UECE. Mestrando em Filosofia pela Universidade